

Nota do autor

Os artigos aqui reunidos devem muito a certas leituras e a algumas pessoas. Algumas leituras é preciso citar aqui, antes do texto, porque nem sempre o fruto de um aprendizado de leitura aparece na nota de pé de página ou na bibliografia. Nessa condição está o excelente livro de Leopoldo Waizbort *A passagem do três ao um* (São Paulo: Cosac Naify, 2007), que li com atenção por vários motivos, a começar pelo fato de ele operar uma leitura sintética de alto nível sobre a parte mais central, para mim, da tradição machadiana no Brasil, que se compõe de Candido, Faoro e Schwarz, todos eles leitores de Auerbach, como bem demonstra Waizbort. Também nessa condição está a obra de Franco Moretti, em mais de um livro (*Atlas do romance europeu – 1800-1900* — tradução de Sandra Guardini Vasconcelos, São Paulo: Boitempo, 2003; *A literatura vista de longe* — tradução de Anselmo Pessoa Neto, Porto Alegre: Arquipélago, 2008), com sua proposição bem-sucedida de uma nova abordagem panorâmica da literatura, que muito me auxiliou a repensar coisas. A convivência profissional com Ian Alexander e sua visão anglo-saxã e com Homero Araújo e sua pertinácia analítica “formativa”, por motivos diversos e complementares para mim, tem sido um estímulo e um motivo de constante renovação do ânimo intelectual, além de sempre me ensinar muito; a eles deve-se boa parte do eventual acerto das minhas proposições aqui, e naturalmente nenhum dos problemas que por certo se esconderam de mim nestas páginas. E, como sempre, não posso deixar de mencionar o estímulo, de anos já, que vem da leitura da obra de Antonio Candido, Roberto Schwarz e John Gledson — a quem, além do mais, agradeço pela leitura atenta dos originais.

Machado e Borges, clássicos e formativos

Um — Histórias tão diferentes

Um nasceu pobre, de pais apenas alfabetizados (o pai um mulato pobre, pintor de paredes, e a mãe uma portuguesa pobre recém-chegada ao novo país, trabalhando em serviços humildes), o outro nasceu muito bem colocado socialmente, com pais requintados leitores (o pai professor e escritor, a mãe tradutora, ambos com ascendentes de primeira importância em seu país). O primeiro teve pouca escolaridade formal, o segundo graduou-se na Europa; aquele, escrevendo em português, uma língua de acanhada circulação internacional no plano letrado, nunca saiu de seu país, enquanto este, bilíngüe de família e escrevendo em espanhol, língua de central importância no mundo culto, viveu na Europa vários anos em sua formação e, adulto, viajou pelo mundo todo. O primeiro, Joaquim Maria Machado de Assis, brasileiro, viveu no tempo do navio e do telégrafo, entre 1839 e 1908, e o segundo, Jorge Luis Borges, argentino, viveu no tempo do automóvel, do avião e do rádio (e da televisão), entre 1899 e 1986.

Até aqui, tudo separa e nada une esses dois gênios da literatura, como se vê pelos dados apontados, aos quais se poderiam acrescentar vários outros — a dura batalha pela sobrevivência de Machado, num país desde sempre mesquinho para com os de baixo como ele, aos quais não proporciona nem mesmo uma escola elementar decente, contrastando com a formação muito confortável de Borges, que não foi rico mas nunca teve problemas de sobrevivência. Isso sem contar as enormes diferenças entre o Brasil de D. Pedro II — o lugar e o tempo do auge do café produzido com mão-de-obra escrava —, quando floresce Machado de Assis, e a Argentina abastecedora da Eu-

ropa em carne, lã e trigo, a partir das primeiras décadas do século 20, o tempo da formação de Borges.

Mas algo os une profundamente: cada um a seu tempo e modo, em seu país e sua língua, mediante as armas literárias disponíveis, ambos conseguiram o não pequeno milagre de equacionar satisfatoriamente os dilemas e as tensões entre a vocação das letras, na arte e no pensamento (e não por acaso os dois com temperamento clássico, antiapaixonado, paciencioso), e a condição objetiva de morar e pertencer a contextos culturais secundários, periféricos, mal desenvolvidos em comparação com os melhores contextos ocidentais disponíveis. Os dois, com muitas diferenças mas com inacreditáveis semelhanças, que interessa conhecer, conseguiram o milagre de produzir obra superior a partir de posições relativamente inferiores. Como foi isso?

Dois — Obra vasta

Essa aproximação entre Machado de Assis e Jorge Luis Borges não surpreende nenhum de seus leitores atentos. Podemos avaliar a familiaridade começando, talvez, pelo mais superficial de sua semelhança: os dois ocupam a posição central em seu respectivo país quando se trata de pensar em “grande escritor”, essa categoria mais ou menos difusa mas no fim das contas reconhecível. Ambos são editados regularmente, em variados formatos, e estão presentes na conversa das pessoas cultas em seu país, e também em sua língua, mais amplamente.

Segue a aproximação com o fato não trivial de que ambos construíram obra muito vasta. A edição Jackson, uma das bem conhecidas apresentações de Machado de Assis em livro, conta 31 volumes; a edição Nova Aguilar, em papel-bíblia, é de três volumes, cada um contendo por volta de 1200 páginas. Não há edição totalmente confiável da obra de Machado, ainda hoje, para nossa vergonha; o que se pode disputar é qual das edições tem menos escândalos — porque são

muitos, em ambas, com a pior sendo provavelmente a Nova Aguilar. Em dois momentos houve tentativas de constituição de equipes para fazer o estabelecimento dos textos, para recolher tudo que estivesse disperso, etc., de forma a editar uma obra completa digna do nome, mas nenhuma delas chegou ao termo da tarefa. Romances, são nove, mas podem ser dez, se contarmos aí, como me parece justo, a novela *Casa velha*; contos, são mais de 200, alguns com autoria ainda disputada; crônicas são em número ainda não fechado, mas se contam às centenas. E poemas, ensaios, peças de teatro, cartas. Isso tudo produzido em uma carreira de escritura que se estende dos 15 anos do autor aos dias de sua morte, quer dizer, durante 54 anos. Muita coisa.

Borges é um caso parecido. Suas obras completas, que igualmente não o são, apresentam milhares de páginas, e não cessam as descobertas e recolhidas, em revistas e jornais. Dele também não há edição estavelmente correta, nem para os contos, nem para a poesia, nem para o ensaio, os três gêneros de sua eleição, o que em parte se desculpa pelo recente de sua morte. (Quanto ao romance, era gênero de que não gostava. Alguma vez disse que havia lido apenas Dickens, Conrad e Eça de Queirós; comparou o romance à ópera, e desgostava de ambos.) Para dar uma idéia: a Emecé editou em quatro volumes uma *Obra completa*, cada qual com mais de 500 páginas; depois, saíram as *Obras completas en colaboración*, com mais de mil; não faz muito, apareceu a série de três volumes *Textos recobrados*, com um total de mais de mil páginas; apareceu ainda um belo volume intitulado *Borges en El Sur*, a sensacional revista que ele ajudou a existir por tantos anos — são mais 358 páginas. Isso para não falar de três livros iniciais de sua carreira, que ele próprio decidiu não incluir nas *Completas*, mas que seus herdeiros republicaram. Ou da *Arte poética*, belíssimo ensaio publicado em livro após sua morte, a partir de seis conferências dele. E o que dizer das milhares de horas, os quilômetros de fitas em que deixou entrevistas e depoimentos que a cada tanto saem em livro, mostrando ali um ensaísta oral da melhor qualidade? Seu primeiro texto publicado apareceu em 1919, e ele nunca parou de contribuir

para revistas e jornais nem de publicar livros, até sua morte. São mais de seis décadas de textos.

Quer dizer: Machado e Borges, além de serem gênios de seu tempo, lugar e língua, foram repórteres da sensibilidade em um extensíssimo período de tempo, período que podemos qualificar, sem nenhum exagero, como parte substantiva da própria história de seus respectivos países, jovens nações ocidentais, com menos de 200 anos de independência formal. É pouco? Não, é muito, é demais. A ponto de serem ambos talvez inabarcáveis: quem começa a ler sua obra, por qualquer lado que ataque e por mais que empenhe muito de seu tempo e sua inteligência na tarefa, pode perfeitamente passar a vida freqüentando tamanha obra, tamanhas obras, sem alcançar seu fim.

(Deixemos de lado, por ora, a fortuna crítica de ambos: trata-se de material inabarcável, no rigor do termo. São dezenas de livros, centenas de estudos, milhares de artigos, milhões de referências, no país de origem e fora dele. Borges por certo tem mais sucesso do que Machado no exterior, dada a circulação mais franca do espanhol nos circuitos cultos e universitários, relativamente ao português. Pode-se afirmar igualmente, pelo mesmo motivo e mais algum outro — como o fato de Borges ser mais imediatamente palatável para o leitor europeu dos tempos atuais do que Machado —, que o argentino é mais traduzido a língua estrangeira do que Machado.)

Três — Sem filhos

Afinidades e semelhanças de temperamento, na vida como na obra dos dois, podem ser encontradas em variados níveis. Vejamos um caso aparentemente secundário: nenhum dos dois teve filhos. Certo, tal coincidência é menos decisiva do que, digamos, a distância entre os gêneros literários em que cada um se exercitou e em que se realizou — Machado foi mais contista, romancista e cronista do que

ensaísta e, menos ainda, poeta, ao passo que Borges nunca escreveu romance, sendo um mestre do conto, do ensaio e da poesia, mais do que da crônica, se é que se pode pensar com esta última categoria a propósito de sua obra.

Mas o caso dos filhos pode, mesmo assim, render um pouco nessa aproximação. Em Borges, o não haver deixado filhos de sangue talvez seja mero acaso e nada mais, mas em Machado a coisa não é tão simples, já que o ter ou não ter filhos foi tema decisivo de sua literatura: sem especificar casos mais sutis, como o de *Helena*, cuja protagonista é reconhecida em testamento como filha do Conselheiro sem sê-lo, questão essa que está na alma do relato, lembremos Brás Cubas, que termina suas *Memórias* com a terrível frase “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”, frase que contém, ao menos enviesadamente, todo um comentário sobre o sentido da vida; lembremos Quincas Borba, que morre sem herdeiros naturais e por isso lega sua fortuna ao ingênuo Rubião, protagonista daquele romance patético; lembremos Bento Santiago, que viveu o tormento de crer-se traído pela mulher inclusive nesse aspecto, o do filho dela, que ele julga não ser seu e sim de seu melhor amigo, Escobar; lembremos ainda o Conselheiro Aires, cuja doce amargura expressa à perfeição com certo niilismo que combina com a por assim dizer esterilidade corpórea. A julgar por aqui, quem de sã consciência poderá dizer que a questão não afetava o autor?

Se a coisa for pensada pelo ângulo da relação de Joaquim Maria com seu pai, os dados não parecem muito conclusivos para lado algum. Francisco José de Assis, o pai, era neto de escravos, mas filho de libertos; nascido em 1806, foi um trabalhador manual com alguma especialização (fala-se que era pintor, mas também dourador de paredes, quer dizer, um artesão), e não era um trabalhador braçal comum; sabia ler e escrever, tanto que assinou por algum tempo o *Almanaque Laemmert*, conforme afirma um de seus bons biógrafos, Jean-Michel Massa¹, seguindo Lúcia Miguel Pereira², que acrescenta uma especulação sobre

1 *A juventude de Machado de Assis — 1839-1870: Ensaio de biografia intelectual.*

2 *Machado de Assis — Estudo crítico e biográfico.*

certa vocação artística no pai, manifestada nessa profissão aproximada da pintura. Morreu quando o filho era juvenzinho ainda, não sem antes casar pela segunda vez: a mãe de Joaquim Maria, Maria Leopoldina Machado de Assis, faleceu quando ele tinha quase dez anos, e cinco anos depois, em 1854, o viúvo Francisco José se casou com Maria Inês da Silva. Nesse mesmo ano o futuro escritor começa a trabalhar e a publicar.

De Borges, não teremos tantos depoimentos eloqüentes de indagação pessoal acerca do mesmo tema. Não há enredos narrativos ou assuntos poéticos que envolvam tão centralmente a parentalidade, tanto quanto eu consiga lembrar. Quando aparece algo relativo a origens, parece ser sempre desmarcado, ligado a antepassados mais remotos. Um caso que pode ser trazido à consideração é o do conto “El sur”, um de seus clássicos. Na abertura lemos que o protagonista, Juan Dahlmann, era neto de Johannes Dahlmann, imigrante e pastor luterano, e de Francisco Flores, “del 2 de Infantería de linea, que murió en la frontera de Buenos Aires, lanceado por índios de Catrial”. Dois avós, um neto; não se refere a existência de pai. A lembrança não é secundária, porque o enredo do conto tem como trave principal em sua arquitetura justamente a herança recebida por Juan Dahlmann, a sede de uma fazenda que foi dos Flores, para onde ele se deslocou numa notável viagem de trem, na qual muitas coisas acontecem — na verdade, tudo acontece, em certo sentido. Na mesma abertura, comentando esse tema das heranças, lemos a seguinte consideração do narrador, após a apresentação das duas ascendências, tão diversas entre si, uma *criolla*, outra imigrante e alemã: “En la discordia de sus dos linajes, Juan Dahlmann (tal vez a impulso de la sangre germánica) eligió el de ese antepasado romántico, o de muerte romántica”, quer dizer, o avô Flores. Se Juan é filho de pai Flores ou Dahlmann não sabemos, porque o avô é que importa.

De sua relação com o pai sabemos algumas coisas, e ao menos três são significativas: a primeira é que o filho herdou do pai a doença degenerativa dos olhos, que foi o motivo primeiro daquela

longa temporada européia, entre 1914 e 1921. A segunda é que o pai, também Jorge (Guillermo) Borges, era escritor tentativo, tendo publicado um romance, *El caudillo*, e tradutor, tendo vertido ao espanhol Omar Khayan (a partir do inglês), mantendo ao lado disso uma filosofia rara para seu tempo (era ateu e, como se dizia na época, livre-pensador, ao lado de cultivar o vegetarianismo — em plena Argentina!); tais indicações mostram intensa afinidade entre pai e filho, no plano da vida intelectual e filosófica, em sentido amplo, motivo talvez de Jorge Luis haver pensado em retomá-la, na maturidade, conforme comentou em entrevista, ao lembrar a hipótese de reeditar o romance do pai. Tão livre-pensador era o pai que foi capaz de um gesto para mim estranho, mas parece que filosoficamente consistente com seu credo: na altura de 1918, Jorge Luis, em seus 18 anos, tentou mostrar manuscritos ao pai, para obter alguma orientação, algum conselho; o pai recusou, como nos conta María Esther Vásquez, uma das suas biógrafas³; o argumento para tal recusa era que, “como Bernard Shaw ou La Rochefoucauld, no creía en la eficacia de los dictámenes ajenos”, e por isso o filho devia procurar seus próprios caminhos...

A terceira coisa significativa dessa relação também é relatada por María Esther Vásquez. Segundo ela, pela mesma época, vivendo a família na Europa, precisamente em Genebra, o pai resolveu que era hora de Jorge Luis ter sua iniciação sexual, e para tal armou um encontro, passando ao filho um endereço, com hora e local marcados. Diz a biógrafa: “Georgie [o apelido familiar de Jorge Luis] obedeció, pero ya en el lugar no pudo evitar un pensamiento de que estaba a punto de compartir la amante con el padre. La idea lo llenó de asco y de vergüenza. Por supuesto, la cosa no funcionó”. Seguiu-se uma grave crise de saúde do filho. Seja como for, parece que a relação entre eles teve um curso bastante ameno depois disso, só encerrando quando da morte do pai, em 1938, antes dos 40 anos de Jorge Luis.

Essas circunstâncias todas podem ser apenas assunto para uma conversa entre amigos, sem maior transcendência; mas dão a conhecer

3 *Borges, esplendor y derrota.*

detalhes que valem a pena para pensar na vida mental dos dois gênios, quando menos pela afinidade específica entre Borges e seu pai no que tange ao trabalho intelectual, ou pela impressionante ascensão social e intelectual de Machado de Assis relativamente a seu pai, um humilde trabalhador de (dizendo com as palavras de hoje) classe média baixa e de poucas letras. Por outro lado, como deixar de levar em conta as oposições fortes da relação entre filho e pai, do ponto de vista do primeiro? Quanto restou em Jorge Luis daquela crise na área sexual, e por quanto tempo? Sua relativa inapetência para os temas sensuais terá a ver com isso? E Machado, será certo, como especulam alguns comentadores, por exemplo Lúcia Miguel Pereira, que guardou mágoa ao pai pelo segundo casamento? Quanta elaboração psicológica precisou fazer cada um dos nossos dois escritores para alcançar domínio da expressão e para criar, num metiê requintado como o das letras?

Para além disso, arriscando decididamente já no terreno das especulações de bar, é difícil resistir à tentação de pensar sobre certo simbolismo involuntário nessa esterilidade física em relação com a abundância e a eficácia artística de cada um deles, no plano de sua época, país e língua: uma terá sido o preço da outra? E se tiver sido, que relevância, que posição tal equação terá ocupado na vida de cada um deles?

Quatro — Ausência de sensualidade

Não apenas não têm filhos Joaquim Maria e Jorge Luis; igualmente sua obra não se marca pela sensualidade — sendo os dois escritores, não custa lembrar como contraste, artistas superiores brotados em contextos que deram ao mundo duas formas de música e dança popular tão sensuais quanto o samba e o tango, respectivamente. As mulheres são seres indecifráveis, distantes, obscuros, em Machado; até sedutoras elas podem ser, assim o assunto “sensualidade” pode

aparecer no enredo, mas nunca elas são exatamente de carne e osso, e nunca tal assunto domina o temperamento do relato. Augusto Meyer já tinha concluído algo na mesma direção: constatando ele haver muitas figuras de mulher “sensuais e pérfidas”, em contraste “falta saúde à sensualidade machadiana”.⁴ A rejeição dele ao Naturalismo não teria algo de sintomático a respeito? Lembremos seu comentário negativo acerca de Luísa, a protagonista feminina de *O primo Basílio*: embora nesse ensaio o centro do argumento seja a condição da personagem enquanto tal — “a Luísa é caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor é antes um títere do que uma pessoa moral” —, é inegável haver censura de tipo moral a ela nas palavras do crítico, quando diz, ao falar da traição dela ao marido: “Luísa resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciência (...). Uma vez rolada ao erro, como nenhuma flama espiritual a alenta, não acha ali a saciedade das grandes paixões criminosas: rebolca-se simplesmente”. No segundo texto sobre o mesmo tema, confirma essa censura moral: “Essa pintura [dos fatos viciosos], esse aroma de alcova, essa descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras”⁵.

Em Borges, salvo em alguns poucos poemas, as mulheres sequer existem como entes físicos. Sua galeria de personagens e figuras acolhe poucas mulheres, e quando elas aparecem será mais como uma imagem esfumada, de vez em quando lírica, como no magnífico conto “El aleph” ou na tocante crônica (memória?) “Délia Elena San Marco”. Um caso notável vamos encontrar em “Emma Zunz”, o conto talvez mais perfeito que se pode conceber como estrutura de tipo policial. No ano de 1922, Emma, operária de fábrica, recebe a notícia da morte de seu pai — a notícia lhe causa mal-estar no

4 *Textos críticos*, p. 218.

5 Os textos foram publicados em jornal em 16 e 30 de outubro de 1878, Machado com quase 40 anos. Ver *Obra completa*, vol. III, pp. 903-913. O tema guarda porção considerável de controvérsia, como se pode imaginar; haverá quem veja nessa reprovação de Machado ao Naturalismo o oposto, quer dizer, algo como uma repreensão pública de fachada, que esconderia uma intensa voluptuosidade.

ventre, por sinal —; ela repassa mentalmente os tormentos do pai, que foi acusado injustamente de haver desfalcado uma caixa, crime na verdade cometido por um certo Loewenthal, que depois disso se beneficiou a ponto de ter virado sócio da firma, que era a empregadora de Emma. Ela trama sua vingança, que é narrada exemplarmente, com frieza e precisão, como a ação da personagem: ela vai até a zona, que é portuária e de prostituição, entrega-se a um marinho que nem espanhol fala — ela tem asco do sexo, parece que em geral, tanto que pensa, durante o intercurso com o estrangeiro, “que su padre le había hecho a su madre la cosa horrible que a ella ahora le hacían” —, rasga o dinheiro que ele deixa e toma um ônibus até a fábrica de Loewenthal, que mora ali mesmo; lá está a pretexto de denunciar colegas que estão armando uma greve, e por isso ele não estranha. Aproveitando um momento de distração do monstro, Emma toma a arma que ele guardava e atira contra ele, aquele que havia destruído a vida de seu inocente pai; assim que constata a morte de Loewenthal, telefona para a polícia, dizendo que aquele homem a tinha pressionado a ir até ali naquela hora erma, para abusar dela — como poderia atestar com o esperma em seu útero —, e por isso ela o havia matado.

É um conto em que sexo, vingança em favor da honra do pai (quem, por outro lado, fazia aquela coisa horrível do sexo com sua mãe) e ardil feminino combinam ao limite da perfeição concebível, do ponto de vista narrativo, ao mesmo tempo em que dá notícia de um valor, mais do que rebaixado, vil e perverso ao sexo. O fato de aqui termos uma mulher relacionada à herança paterna não parece impugnar totalmente uma aproximação com o nexos entre Jorge filho e Jorge pai, creio.

Na obra romanesca de Machado publicada antes de seus 40 anos, na chamada primeira fase, há dois casos em que as mulheres protagonistas de alguma forma vivem uma ligação tensa e de difícil resolução entre amor, casamento (e, por aqui, sexo) e a herança paterna. Helena, no romance de mesmo nome, é reconhecida como

filha por um conselheiro rico, sendo filha carnal de outro homem, um sujeito pobre e digno, que não tem a menor culpa em sua adoção não-oficial pelo conselheiro, adoção que aconteceu por iniciativa mais ou menos perversa da mãe dela, amante do conselheiro; de todo modo, Helena morre finada por não poder realizar seu amor, que se dirige ao homem que é filho do conselheiro, quer dizer, a seu suposto meio-irmão, mas que não é nada disso. Por seu lado, Iaiá Garcia, no romance homônimo, é mais um caso de uma menina de baixo que se casará com um homem herdeiro, Jorge, homem este que, porém, queria se casar com certa moça, Estela, mais pobre que ele, numa relação que não agrada nada à aristocrática mãe de Jorge — num enredo de alta complexidade nesse campo dos afetos e compromissos filiais cruzados com os interesses sociais e os sentimentos do casamento, essa moça Estela com quem Jorge gostaria de ter se casado vai acabar se casando com Luís, o pai de Iaiá, quer dizer, vai acabar se casando com o sogro de Jorge. Mistura pouca? E mesmo assim, nada de sensualidade, nada de figuras provocativas.

De modo geral e panorâmico, em Machado a relação com mulheres é mediada pelo ciúme, que é burguês, como exemplarmente ocorre em *Dom Casmurro* (Capitu, por sinal, também é filha de gente humilde, ao passo que Bento Santiago é proprietário e herdeiro), ciúme que é totalmente ausente em Borges, um sujeito aristocrático. Algumas versões não apresentadas muito claramente indicam que Machado, depois de arroubos de amor na juventude (uma paixão não correspondida por Augusta Candiani, cantora lírica, mais outra por Gabriela Augusta da Cunha, atriz, esta correspondida, ambas bem mais velhas que ele, por sinal), teria tido paixões e talvez casos amorosos em paralelo com seu casamento com a culta Carolina, mas não se trata de algo demonstrável; Borges parece ter dado pouco serviço a seu coração nesse campo das paixões, ainda que tenha se casado mais de uma vez, a primeira das quais por pouco tempo, a última das quais com sua derradeira companheira, que começou como sua secretária.